

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Os artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2385

DIÁRIO DA MANHÃ

A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 60\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

QUINTA FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 1925

CONTRA A CRISE DE TRABALHO E CONTRA A CARESTIA DA VIDA

POVO TRABALHADOR, É INDISPENSÁVEL REAGIR!

As classes trabalhadoras estão atravessando um dos períodos mais angustiosos da sua existência. Erros sobre erros acumulados, devido à péssima política financeira destes últimos anos, originaram a quase completa paralisação industrial em todo o país. Essa paralisação trouxe a falta de trabalho e esta a fome com todos os seus horrores. Urge reclamar prontas medidas que modifiquem para melhor tal estado de coisas. O comércio ladravaz, a indústria e a agricultura gananciosas, especulando com a fome do povo, estão aumentando abusivamente o preço dos géneros mais indispensáveis à vida.

E' preciso lutar enérgicamente contra essa infame especulação!

E' PRECISO FAZER PROPAGANDA, MUITA PROPAGANDA

Nunca o proletariado poderá alcançar sérios e sólidos triunfos sem possuir uma organização forte em consciência e em número. Não podemos afirmar de uma maneira categórica que o proletariado português possua essa organização forte e aguerrida, como todos nós desejamos. Não temos o culto da mentira. Entendemos que vale mais uma verdade amarga do que uma mentira sedutora. A organização operária portuguesa, que possui um belo arcabouço, está longe de possuir a força capaz de levar o povo trabalhador à conquista integral das suas principais regalias. Mas tem possibilidade de tornar-se forte, e num espaço de tempo relativamente curto.

Basta que todos nós, os que militamos com sinceridade, nos enchemos de ânimo e concertemos os esforços para que a organização adquira aquele vigor, aquela pujança, aquela combatividade inteligente que já possuiu, não há muitos anos, e que factores de varia ordem fizeram decrescer.

Mas as colectividades, como o corpo humano, são de quando em vez atacadas por enfermidades, sofrem crises que, em muitos casos, são pronunciados de restabelecimento da saúde antiga ou de melhor saúde ainda. E' o caso da Organização. A sua crise está passando, o doente vai a caminho da cura. Ela será tanto mais rápida quanto maior for a nossa energia.

O primeiro passo que se deve

dar para fortalecer os organismos operários é exercer uma boa propaganda. Mas é preciso muito cuidado com essa propaganda. Deveremos atraír o operariado ao nosso seio com verdades e não com boas mentiras, como fizeram os republicanos no tempo da monarquia. De cada organismo central - Federação, União ou Câmara Sindical - deveria irradiar para a sua área uma intensa propaganda associativa, fazendo ver aos trabalhadores as vantagens que têm em sindicar-se e em educar-se associativamente para estarem aptos a defender-se das agressões patronais e a conquistarem regalias a que têm jus.

Inicie-se esse trabalho de propaganda, concertem-se os organismos que querem fazê-la num plano comum, e verão que ao cabo de algum tempo se sentirá palpitar uma alma nova no seio da Organização Operária.

Um dos problemas de que irá decidir ocupar-se o futuro Conselho Federal é o da propaganda. Ela é a base de uma organização forte. Nos períodos áureos da C.G.T. verificava-se também uma propaganda tenaz, intensa.

Tratemos de fortalecer o proletariado para a luta, porque nunca como hoje se apresentou uma época tão difícil de vencer como esta que estamos travessando. Dotemos o povo trabalhador dos recursos necessários para vencer a crise de trabalho e a carestia da vida que ameaçam aniquilá-lo.

PELO ESTRANGEIRO

Pretende-se em Espanha a contemporização entre os elementos desavindos

O pronunciamento militar ocorrido em Espanha visava inicialmente o general Primo de Rivera, pouparia o rei, conservando o regime e mudando as figuras do governo. Primo de Rivera triunfou, mas a sua situação continua indecisiva, dizendo-se que a sua substituição na chefia do governo se virá a efectuar consoante se realize um regresso ao regime parlamentar constitucional, à saída da actual modalidade política, e em circunstâncias normais.

Ao que parece, não serão muito severas as represálias do governo e as sanções dos tribunais, esperando-se um momento azado para contemporizações. A política de contemporização, como já se diz nos jornais afectos a Rivera, deve ser orientada ou, pelo menos, inspirada pelo rei, cuja obediência é assegurar a integridade monárquica.

Essa política de contemporização foi, digamos assim, iniciada com a nomeação de Berenguer - um general que teve um papel seu na última conspiração - para chefiar a casa militar de Afonso XIII mostrando bem as intenções que existem no ânimo do rei. Sem dúvida, este general virá a desempenhar função importante no novo governo, caso Rivera persista em demitir-se, por considerar que findou a sua missão ditatorial.

O plebiscito vai ser um acto decisivo na sequência do regime, pois terá determinar a nova legalidade constitucional. Os chefes políticos continuam no seu isolamento e os elementos afectos à situação ainda predominam, como até aqui. Os oficiais de artilleria, agora castigados, regressarão - senão todos, uma parte apreciável - à actividade, e a intenção de não exercer rigor transparece nos comunicados oficiais, que nenhuma ameaça têm feito aos revoltosos vencidos.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Notas & Comentários

Uma circular

Sobre a última reunião a comissão administrativa da C.G.T. resolvem enviar circulars a todos os organismos interessados sobre o conflito do antigo conselho e nomeação dos futuros delegados. E' uma circular importantíssima e A Batalha, empenhada como anda no rejuvenescimento da Organização, permite-se chamar para ela a atenção dos respectivos organismos, a fim de a tomarem na consideração devida, dando-lhe o rápido andamento que o bem do proletariado requer.

A classe corticeira

A crise de trabalho é cada vez mais pausada. Uma das classes que maior energia tem dispensado no combate a essa crise, combate até agora inútil, por desaparecimento dos poderes públicos, é a corticeira. Uma comissão da respectiva Federação tentou ontem avistar-se com os ministros da Agricultura, Comércio e Finanças que não a receberam. E' possível que aquelas entidades não soubessem que a aludida comissão ia tratar de um caso tão melindroso e urgente, como a crise de trabalho. Nem é de prever que aquelas entidades voltassem lá para a semana.

O Parque Eduardo VII

Um grupo capitalista propôz à Câmara Municipal a execução de obras importissimas no Parque Eduardo VII. Ficaria Lisboa dotada de um ornamento precioso, de um centro de diversões interessantíssimo e ao mesmo tempo, segundo a aludida proposta, ocupar-se-iam nessas obras alguns operários da Câmara, os operários despedidos e muitos ainda da indústria da Construção Civil que está atravessando uma crise terrível. Não sabemos o motivo por que a Câmara não deu ainda qualquer despacho à aludida proposta. Mas parecem-nos que dois problemas tão importantes, como a crise de trabalho e o melhoramento da capital, devem merecer rápida resolução.

QUESTÕES DE MOMENTO

Dois problemas que se agravarão se o operariado não tomar uma atitude enérgica

Crise de trabalho

Crise de trabalho. Problema vasto que não encontrará solução dentro da vigente organização social. Problema fundamentalmente económico e que só por uma profunda modificação do sistema económico será resolvido.

Todavia a crise de trabalho tem causas particulares originárias na máscia direcção do sistema industrial adoptado neste país. A crise de trabalho é agravada com a iniciação industrial que não cuida de fomentar a industria, procurando apenas explorar o trabalho.

Nas indústrias como as de construção civil, metalúrgica, mobiliária, corticeira, conserva e gráfica abundam as provas desse axioma. O industrial não vive para a industria, vive para a desvalorização do escudo. Quanto mais fraca é a moeda dum país, mais cara é a vida desse país.

Durante a grande hecatombe a carestia da vida foi aumentando progressivamente, atingindo um coeficiente espantoso. Os géneros, mesmo os de produção nacional, mercê da subida da libra iam tendo uma ascensão pavorosa. O mesmo dia o custo dum género sofría mais de um aumento.

Por outro lado um reptil asqueroso que surgiu nessa época - o assambardor - restringia os géneros obrigando assim, pela carência, a elevação do preço do produto.

A guerra sucedeu-se a paz. Mas na economia dos que trabalham a desordem mantinha-se e com ela a intranquilidade nos lares.

Mas eis que a certa altura a libra deteve a sua marcha. E o assambardor julgou chegada a hora do seu ocaso. Parvo. Não via que a hora do extermínio do assambardamento ainda não soara!

E a prová-lo temos a actual situação, de uma delicadeza extrema.

A fixação da libra na casa dos 90\$00 trouxe apenas a baixa de uns parcos centavos em alguns géneros. E isto apenas durante alguns meses, porque a subida dos preços começou a fazer-se passado pouco tempo.

O assambardor apareceu novamente à luz da ribalta. E é velho senhor da situação expectorando sobre a miséria dos que trabalham a sua bilis asquerosa.

A carestia da vida, na quadra que atravessamos não lhes faltam verbas. Porém, os da indústria particular não se concluem porque os proprietários ou industriais receiam não auferir os lucros já calculados.

Os trabalhos do Estado não se concluem porque uma floresta de peias burocráticas formam o óbice formidável.

Ainda a crise de trabalho poderia ser amenizada procedendo o governo e as câmaras municipais à abertura de alguns trabalhos públicos em que se empregariam os milhares de trabalhadores que há muitos meses não têm onde empregar a actividade.

Da grande incompetência directiva das indústrias, do retraimento de capitais e da revolução económica que a valorização do escudo teve, surgiu o agravamento do problema da crise de trabalho.

Nas suas malhas estão envolvidos milhares de obreiros. A fome, como sua consequência, entra em centenas de tugujos onde há muitos meses não há que comer, onde há muitos meses não há alegria.

Em todo o Portugal a percentagem dos sem trabalho é assustadora. Em Portugal morre-se de fome, porque não há trabalho e aquele pouco que existe é remunerado miseravelmente como se o custo da vida não tivesse atingido um coeficiente brutal.

Conclusão: a crise poderá ainda ser amenizada se os interessados acionarem de forma a levar os dirigentes ao caminho que se harmonize com a sua situação.

LER E ASSINAR

"Os Mistérios do Povo"

Horário de trabalho no comércio

Os corpos gerentes do Sindicato de Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, tendo apreciado o constante desrespeito à lei do horário de trabalho no Comércio e as demarcações junto do governador civil, ministro do Interior e presidente do ministério, tendo este último prometido convocar a uma reunião as associações da classe conjuntamente as associações patro-

Carestia da vida

Carestia da vida. Outro problema insolvel dentro do sistema actual de organização social. Problema de grande complexidade e procedente da época em que o trabalho começo a ser mal retribuído.

A carestia da vida vem de longa data. Agravou-se porém no período da guerra com a desvalorização do escudo. Quanto mais fraca é a moeda dum país, mais cara

é a vida desse país.

Durante a grande hecatombe a carestia da vida foi aumentando progressivamente, atingindo um coeficiente espantoso. Os géneros, mesmo os de produção nacional, mercê da subida da libra iam tendo uma ascensão pavorosa. O mesmo dia o custo dum género sofría mais de um aumento.

Por outro lado um reptil asqueroso que surgiu nessa época - o assambardor - restringia os géneros obrigando assim, pela carência, a elevação do preço do produto.

A guerra sucedeu-se a paz. Mas na economia dos que trabalham a desordem mantinha-se e com ela a intranquilidade nos lares.

Mas eis que a certa altura a libra deteve a sua marcha. E o assambardor julgou chegada a hora do seu ocaso. Parvo. Não via que a hora do extermínio do assambardamento ainda não soara!

E a prová-lo temos a actual situação, de uma delicadeza extrema.

A fixação da libra na casa dos 90\$00 trouxe apenas a baixa de uns parcos centavos em alguns géneros. E isto apenas durante alguns meses, porque a subida dos preços começou a fazer-se passado pouco tempo.

O assambardor apareceu novamente à luz da ribalta. E é velho senhor da situação expectorando sobre a miséria dos que trabalham a sua bilis asquerosa.

A carestia da vida, na quadra que atravessamos não lhes faltam verbas. Porém, os da indústria particular não se concluem porque os proprietários ou industriais receiam não auferir os lucros já calculados.

Os trabalhos do Estado não se concluem porque uma floresta de peias burocráticas formam o óbice formidável.

Ainda a crise poderá ser amenizada se os interessados acionarem de forma a levar os dirigentes ao caminho que se harmonize com a sua situação.

Por muito severas que sejam essas medidas a vida diminuirá de preço? Não.

Embora vão à barra do tribunal alguns especuladores o problema continuará sem solução. As medidas que conviria tomar são outras - são aquelas a que mais dum tempo nos temos referido.

Todavia o problema pode tornar-se menos grave. E' o operariado assumir uma atitude energética contra os assambardadores e contra todos aqueles que são causa direta dessa miséria em que vivemos.

Se não lutar dentro dum campo mais energético mal vai o operariado em face desse dois problemas que o privam de angariar os meios de subsistência e de adquirir os géneros para se alimentar.

Se para ouvir os interessados, e, como essa reunião ainda não foi aprazada, conforme fôr combinado resolveram as comissões administrativas e de melhoramento do tempo, voltar novamente a procurar as entidades competentes, fazendo-lhes saber que o desrespeito à lei muito prejudica os empregados no comércio que frequentam cursos a fim de se habilitarem para as funções que a sua capacidade e competência lhes indicarem.

Que fizeram os Incôncios do Banco de Portugal do valor da prata amoedada?

Dizem que os dirigentes do Banco de Angola e Metrópole falsificaram a escrita, para esconderem facilmente as suas falcatrás.

E' um crime grave, sem dúvida, mas de muito mais gravidade é a falsificação da escrita do Banco Emissor.

Já demonstrámos, nestas colunas, que os homens do Banco de Portugal falsificaram a escrita, valorizando ficticiamente os Bilhetes-Efeitos-Ouro, um dos componentes das reservas - o que em parte é lógico, para que a notas falsas correspondam reservas falsas.

Hoje levantamos um pouco o véu da falsificação feita nos lançamentos da prata amoedada.

Tudo que se liga com o Banco de Portugal, tem uma história velha e suja. Já assim em 1846, quando o aberto - Banco de Portugal - saiu dos falidos Banco de Lisboa e Companhia Confiança.

A prata amoedada tem também a sua história velha e suja. Não a contamos de uma só vez ao público, para que se não narcoteze com os enfadonhos números, que demonstram exuberantemente as nossas relações.

Em 31 de Dezembro de 1909, reinado de D. Manuel II, dos escândalos e roubos, o Banco de Portugal possuía nos seus cofres Reis 6.459.881.800, de prata amoedada, e em 31 de Dezembro de 1910, meses após a implementação da República, o Banco tinha apenas em prata: Reis 4.718.072.000.

Razões várias que explicaremos aos nossos leitores, quando abordarmos a circulação de notas-prata, levaram o Banco a ameaçar os seus cofres até 31 de Dezembro de 1913: Escudos: 8.708.208.70 em prata amoedada e o assambardor - reduziu-os a 5.628.878.40 esc. e 3.428.543.60 esc., respectivamente em 31 de Dezembro dos anos de 1914 e 1915.

Nos anos de 1916 a 1923 a prata amoedada, pertença do Banco, pelo que se pode apurar nos seus relatórios e balanços, nunca teve menor valor facial de 3.200 contos nem maior do que 3.700 contos.

Apresentam os relatórios e balanços de 1917 a 1922 valores formidáveis de prata que em 31 de dezembro de

CAMINHOS DE FERRO

Uma questão de interesse colectivo

Continuando os Caminhos de Ferro do Estado no posse do mesmo Estado, depois de garantido o seu financiamento e assegurado o desenvolvimento técnico e a expansão industrial que devem possuir, as grandes obras do pôrte de Lisboa, o projecto da criação do pôrte de Montijo, as ligações ferroviárias com o Sul e Sueste para a canalização do trânsito nacional e internacional do Sul do país para o mar, podem ser adjudicadas e realizadas por uma poderosa empresa particular, que accione todos os meios de industrialização ferroviária e marítima que Portugal possue, abrindo ao progresso as grandes portas dum intercâmbio, que fará drenar para o país consideráveis capitais. A obra dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste seria então completada pela execução dos traçados já elaborados e que por si só representam muitos milhares de quilómetros, que reúnidos aos que presentemente estão em exploração, dariam um volume superior a 2.300 quilómetros de linhas férreas com todas as garantias de engrandecimento e com uma expansão de trânsito completamente assegurada. Isto quanto ao Sul e Sueste, porque no que respeita ao Minho e Douro, o futuro dessa rede está tão assegurado, que neste momento são os técnicos os primeiros a afirmarem a conveniência em o Estado subvençor a execução dos traçados já estudados, com a grata assente duma compensação, financeira e industrial, muito grande.

O Sul, logo que realize as suas ligações internacionais com a Espanha, dará à este país uma grande possibilidade de expansão industrial, porque canalizará para o Tejo todos os riquíssimos minérios que o Sul da Espanha possui, imprimindo assim ao Pôrte de Lisboa uma excepcional importância, que por enquanto ele está longe de possuir.

Grandiosa é a obra a levar a efecto, mas primeiro que outro acto, vemos a conveniência do Estado assegurar na sua posse as linhas férreas que possue, pois que sem essa garantia, impossível será o Estado obter só compensações como por si se afirma, quando o abandono das suas relações ferroviárias o irá colocar em condições de manifesta inferioridade, perante os interesses da empresa ou empresas a quem as arrende.

Diz-se, sem nenhum conhecimento de causa, que a empresa a quem o Sul e Sueste for arrendado, terá de concluir os 400 quilómetros de via que faltam. Erro crasso, ou intenção malévolas. No Sul e Sueste não faltam concluir 400 quilómetros de via. No Sul e Sueste os troços de linha a construir atingem mais dum milhar de quilómetros, tomando em consideração os que já estão projectados e em grande parte estudados, como vamos ver: temos em primeiro lugar o troço de Evora a Reguengos já em vésperas de conclusão e que tanto serviu para favorecer a propaganda pessoal do ex-diretor; o troço de Mora a Ponte de Sôr; o troço de Sousa a Castelo de Vide, o troço do Barreiro a Cacilhas; o troço de Serpa a Pomarão; o troço de Ermidas a Sines; e mais uns pequenos troços secundários. Não incluindo aqui os grandes projectos que, abrangendo as principais regiões do alto Alentejo, façam a ligação com as linhas do Sul e do Sado, nas riquíssimas áreas compreendidas no ângulo que a actual rede do Sul e Sueste forma, tendo como vértice a Funcheira e que serão consideravelmente aumentado.

Por consequência, os motivos que possam existir a justificar o arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado são tão insignificantes, em relação aos que subsistem em favor dum posse que se deve não só manter, como desenvolver, que estamos em afronta, que o assumiu não foi até agora detalhadamente analisado, conscientemente estudado, pelo que de afirmações por si se têm feito.

Não movimentamos números é certo, porque para isso nos escasseia o tempo — por agora — mas quando o fizermos, certamente hão-de ser mais convincentes os argumentos que apresentamos em defesa desta tese, que é a que contém maior soma de interesses para o povo, para o proletariado e para o país.

E depois o provaremos exuberantemente.

PACIFIC

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Lançada pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração — Empresa Literária Fluminense, Limitada — R. dos Reatores, 125 — LISBOA.

A venda na administração de "A Batalha".

A morte do cabo 188

Da Casa Mortuária de Hospital de S. José, foi removido para o Instituto de Medicina-Legal, onde se realizou ontem a autópsia judicial, o cadáver do 1º cabo do Corpo da P. S. P., Alonso António Gomes da Cunha, que, como noticiámos, foi anteontem morto a tiro na 23ª esquadra, na rua da Lapa. Pelas 8 horas da noite, foi o corpo encerrado num caixão de madeira e transportado numa carreta para aquela esquadra, onde durante a noite foi velado por pessoal da corporação de que o extinto faz parte. O funeral sairá dali, hoje, pelas 15 horas, sendo o caixão que conduz o cadáver, transportado num carro da G. N. R. para o cemitério dos Prazeres, onde ficará sepultado no recinto reservado para a polícia.

Ferocidade patronal

No passado dia 1 de Agosto publicámos, na secção Provincias, uma correspondência de Faro relativamente a um suposto procedimento industrial de sapataria sr. José de Távira para com alguns operários manufaturadores de calçado.

Pelo que apurámos zgora é desituída de fundamento a informação que demos, pelo que não temos dúvida em ilibar o sr. José de Távira da responsabilidade dos factos de que o acusámos.

correndo quase todos os portos do mundo só para o estrangeiro transportaram o roubo, a lama, o descredo e a desonra das elites destes países.

As respostas a estas perguntas serão dadas oportunamente, se o sr. Afonso Costa não entender que as deve dar ao país.

Aguardemos alguns dias!

CARTA DO PORTO

A FÁBRICA CRAVEL VISTA POR DENTRO

PORTO, 7.—A fábrica de Cravel lá continua, ovante, a pincelar de negro o anfião celeste com o alvadão do fumo vomitado pelas suas largas chaminés. Exteriormente, é um sumptuoso monumento erguido, por braços musculosos de trabalhadores, à progressividade do labor utilíssimo, mas regatadamente remunerado. Mas no ventre das suas vertiginosas secções, desenrolam-se, por vezes, martírios que são insultos pungeantes ao sentimentalismo que o gênero humano deve cultivar com devoção...

Fora de toda a cultura sentimental num sentido de humanismo emocional e, portanto, a carregar mais a atmosfera atrofia, que se respira no interior da fábrica, dizem-nos que, entre outros mestres, há um de nome Joaquim Domingues, cuja moral do camadaragem deixa muito a desejar. O seu gosto, que é como quem diz: a sua forte competência, é provocar despedimentos, espiolhando defidamente mínimas faltas, ou, na falta delas, preparando "rentes" injúias. O principal objectivo destas ciladas tende a colocar, nas variadas secções da fábrica "misteriosas", todos os sobrinhos e filhos, para que éles, assim devidamente espalhados, se constituam em espécies de todos os passos que os outros operários dão... em falso ou supostamente em falso...

Estabelecida assim a sua política de esponjagem e de intriga, fácil lhe é arranjar vítimas. Quando estas, em vez de serem demitidas, apenas são sujeitas a representações, nelas o tal mestre Joaquim dosifica a maior quantidade de bilis insultante que nessa ocasião possa ter no seu vasto armazém de indecências... chegando até a ameaçá-las com o que tiver nas mãos...

São tais os instintos deste cavalheiro, que nem mesmo poupa os da sua igualha, os da sua graduação hierárquica... Vamos a esta ligeira amostra: O mestre Justo da Silva utilizou há dias, no desempenho da missão dos seus serviços, uns sacos que, embora pertencentes à mesma Companhia Clark & C.º, estavam, todavia, debaixo do domínio do mestre Joaquim Domingues. Como era preciso dar expansão à sua malédade acumulada, o Domingues foi imediatamente, como crianças colegiais, depositar queixa ao engenheiro, chegando a afirmar-lhe que o seu colega Justo causava pegar nos sacos e jâmais os apresentava, isto é: injustamente insinuando que os roubava, levando-os para casa... Pediu, portanto, velhacamente ao engenheiro para que providenciasse, possivelmente... o que mais rigorosamente lhe desse na gana...

Ouvida a delatora, insinuosa e intrigante exposição do Domingues, o engenheiro chamou à pedra o vilmente acusado e, entre outras frases, desfechou-lhe, sem nenhum respeito pelos seus sessenta anos, com esta grossaria: «Vocé parece que trabalha mais de avós do que de cabças...». Isto foi dito mais explicitamente e com todas as letras...

O Justo, é claro, teve que ouvir as insinuações com toda a paciência de um justo...

O Domingues, devido à natureza da sua profissão, que certamente deve ser bem conhecida dos gerentes, devia ser considerado um tanto suspeito, descontando-lhe uns tantos por cento nas suas aleivosas participações... de polícia. Mas como estes processos de caçar moscas, perdão! vitimas e de realizar trapalhices é muito do agrado dos britânicos gerentes, o mestre Joaquim lá prossegue impunemente na sua faixa de rancores.

No entanto, como tudo quanto lhe passa pelas mãos tem serventia para casa, será verdade que se não faz demorar em remover para a sua arrecadação remessas da casa Clark—fazendo-a arborar? ! Mistério!

Concluindo, por agora: se a fábrica de Cravel lá continua, com a fumarada cinzenta vomitada pela largura das suas chaminés, a tingir de negro o azul dos céus—os mestres da firma Clark & C.º de Santo Ovídio lá prosseguem, mercê dos seus instintos de olheiros implacáveis, na sua perseguição acintosa ao pessoal. Se eles não se pouparam mutuamente, como hão-de ser humanos para os seus subordinados?

C. V. S.

TIVOLI

Telefone II-5474

MATINÉE ÁS 3 HORAS SOIRÉE ÁS 9 HORAS

O Gavião

Alto comédia, em oito partes, extraída da famosa peça de JARLUS DU CHOISET, com Ilda de Oliveira e Sylvio de Pedroli.

O Rei do Volante

Film de sport e de aventura, em cinco partes, com Reed Howes e Milford Harris.

Uma ciné-farça Um documentário

Na Matinée têm entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias

Trágico desenlace

O cadáver da desdita miss Friend, que foi colhida, domingo último, pelo comboio, em Santos, foi ontem à noite transferido para o Hospital Inglês, de onde sairá hoje o funeral.

SOLIDARIEDADE

A comissão promotora da festa de auxílio à companheira de Joaquim Alves espera que as pessoas que se encarregaram da passagem de bilhetes liquidem as contas, ate depois de amanhã na secção dos predeiros. Os objectos rifados nessa festa estarão à disposição do portador do n.º 64 na próxima sexta-feira.

LUTA DE CLASSES

O conflito do "Correio da Manhã"

A gente deste jornal está apostada em reforçar a lógica dos factos com o estranho da sua dialectica, interpretando as nossas afirmações com a hermenéutica arrevesada de que em geral se servem as criaturas que não conhecem a lealdade nos seus processos.

Pretendo tirar partido da questão que se derime, lança mão da ciúme e da chacota, no intuito, facilmente descortinável, de se eximir à discussão do assunto.

Preambula a nota de ontem com as vantagens resultantes da sua atitude em face da indisciplina do quadro tipográfico, que se constituiam nos exercícios cotidianos que esta direcção faz em matéria de redacção.

Os senhores do Correio da Manhã, além da noção errada que têm da disciplina, desconhecem por completo a integridade de carácter e as aptidões da direcção do Sindicato. Dispensam-nos de apresentar os nossos diplomas, apenas obídos nos sofrimentos dispersos da vida. Para dizer o que sentimos e refutar as suas periclitantes afirmações, não será preciso recursos de transcendência escolástica.

Diz-se que não há pior cego do que aquele que não quer ver. A gente do Correio da Manhã está neste caso. Em resposta às notas desta direcção, arquitecta, de quando em vez, uma tábua de logaritmos que quem só aprendeu a compor letras comuns dificilmente compreende, dada a forma como os respectivos números foram elaborados, que é um verdadeiro segredo dos matemáticos daquele jornal.

Assim, com aquela habilidade peculiar a pessoas de largo tirocinio neste assunto, apresenta, a propósito das duas páginas de anúncios e gravuras, uma demonstração em como essa cláusula foi cumprida por parte da empresa. Mas nessas duas páginas e 1 ou 2 colunas que algumas diárias apresentam, surrateiramente deixe de mencionar os anúncios que diariamente eram feitos e que teve o cuidado de incluir nos numeros apresentados.

Quanto à página de corpo 6, nunca o quadro teve conhecimento dessa cláusula mas pode afirmar que muitos dias houve que a composição nesse corpo foi superior a 7 colunas! É claro que não baseamos as nossas considerações em numeros, porque estes eram e são exclusivo da administração e direcção do jornal.

Mas admitimos por momentos que as nossas alegações são infundadas. Neste caso, para que o sr. Fernando Pizarro teceu tantos elogios ao quadro, à exceção um ou dois que só produzem 180 linhas? Não foi sincero; e se o foi, somos nós que temos razão. O quadro cumpria com o seu dever. De resto toda a gente vai estar inteirada do assunto. A empresa quer muita produção, mesmo mais da que humanamente é possível lazer-se. E à prova é que o sr. Pizarro achava pouca a produção de 180 linhas de corpo 6 ou 8 ósso, como se dizer-lhe sia graça.

Deve, pois, estar satisfeita a empresa com o pessoal que escolheu, a quem deu as suaves horas de automóvel...

Achamos por isso extraordinário que a empresa faça ainda convite ao antigo pessoal, embora seja só aquele que produzia suficiente.

Mas se o trabalho é de empreitada por razão da maior preferência aos fortes? Com franqueza que a gente do Correio da Manhã ou se tornou sibilina ou não sabe o que deseja.

Descrecem que nenhum dos componentes lhe baterá no ferrolho. Sirvam-se com a gente que arrebanham de automóvel e que conservam como objecto precioso, a quem não deixam seguir tomar a receção da calidez do tempo. E podem estar certos, que enquanto não fôr dada uma satisfação ao antigo quadro, não terão ao seu serviço pessoal capaz.

A direcção do Sindicato, como a grande maioria da classe, tem dignidade suficiente para saber conduzir e não rogar aos pés de quem os pretende transformar em escravos.

A direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos.

Uma greve geral de corticeiros no Seixal

SEIXAL, 8.— Todas as fábricas de cortiça paralisam amanhã, quinta-feira, como protesto contra a incorrecta atitude da firma Martins Coimbra, Lda., cujo pessoal se encontra há tempos em greve. A paralisação diz respeito a cerca de 1.400 operários. — E.

Os grevistas chineses atacam as forças portuguesas em Macau

A Arcada recebeu a seguinte informação oficial, que publicamos sob reserva:

«O governador de Macau comunicou ontem em telegrama ao ministro das Colônias, que o governo de Cantão lhe tinha enviado uma nota protestando contra o ataque feito pelas forças portuguesas contra os grevistas que se encontram aquartelados em frente das portas do cerco da cidade de Macau, pedindo o castigo das oficiais e praças e uma indemnização.

Também ninguém ignora que a época dos julgamentos está à porta e é nestes momentos que se recebe mais correspondência, visto a necessidade de tratarem da sua defesa.

Bom seria que nos fosse concedida a visita que já há tempos nos foi tirada, pois que não faz sentido que no Lamego, Aljustrel e outras prisões, haja visita todos os dias, e aos presos de Monsanto ela seja negada, sem o menor motivo, havendo no Forte elevado número de presos cuja culpabilidade ainda não está verificada por tribunais. — José Maria da Cruz, recuso no sector C.

Camarada redactor: — Não quero deixar de protestar contra o ataque da direcção para o forte de Monsanto. Ainda não há muitos dias, os presos deste forte aguardavam a chegada da correspondência que só apareceu 48 horas depois. Isto tanto se dá com a que chega como com a que sai, e por mais dura vez que se tem dado. Também ninguém ignora que a época dos julgamentos está à porta e é nestes momentos que se recebe mais correspondência, visto a necessidade de tratarem da sua defesa.

Bom seria que nos fosse concedida a visita que já há tempos nos foi tirada, pois que não faz sentido que no Lamego, Aljustrel e outras prisões, haja visita todos os dias, e aos presos de Monsanto ela seja negada, sem o menor motivo, havendo no Forte elevado número de presos cuja culpabilidade ainda não está verificada por tribunais. — José Maria da Cruz, recuso no sector C.

Tomou posse a direcção da Federação Portuguesa de Hockey que é assim constituída:

Presidente, José Lemos; secretários, Gaudencio Costa e Francisco Araújo; tesoureiro, Vitor Lemos, e vogal, Ernesto Martins da Costa.

A direcção resolveu abrir a inscrição para o campeonato de Patinagem e Hockey em Patins que se encerrará a 14 e 17 do corrente, respectivamente.

Depósito: «Livraria Renascença», ruas dos Poais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

A CURA DAS DOENÇAS PELOS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2500; pelo correio, 2800.

Pedidos à administração de A Batalha.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio

A BATALHA

O que se oferece a um ateu dizer a propósito de Nossa Senhora do Ar

Naquele jornal provinciano, o *Sul da Beira*, há dias me sugeriu algumas considerações relativas à intervenção da mulher em actos de culto público, mormente em missas da grande instrumental, pública o seu director e meu amigo, Cesar Anjo, uma local que, a propósito de Nossa Senhora do Ar e da sua incapacidade, como agente de milagre, desfeche sobre mim este quesito: «Nossa Senhora do Ar! Não seria mais patriótico e mais inteligente venerarmos o nosso santo Gago Coutinho? E que nos diz a isto o nosso querido Tomás da Fonseca?»

Com aquela serenidade e consciência que são próprias de quem defende uma doutrina que lhe veio de princípios bem definidos e assentes, vou responder a essa jornalista, não só por isso, mas ainda e sobretudo porque nela se acumulam as funções de plimutivo com as de inspector escolar. E' pois, ao pedagogico, mais que ao jornalista, que me vou dirigir, não esquecendo assim a minha, nem a sua função educativa.

Um crente e um místico da lógica

Meu amigo. Se você julgou que, ao dirigir-me essa local, faria desencadear as minhas iras de inconclonável e ateu, devi dizer-lhe que perdeu o seu tempo e a sua prosa. Em casos desta natureza, ou seja em matéria de sentimento, consciente ou não, procuro sempre calcar o meu terreno lentamente, a fim de não ferir a intensão pura, o coração teat, embora muitas vezes me apareçam sob o aspecto daquela *santa simplicia* que levou achas à fogneira onde ardiu João Huss.

Bem sei que muitos me apresentam ou apontam como um sectário intolerante e feroz. São os que me não conhecem. Je suis surtout un croyant et un mystique de la logique, disse um dia Barbusse a certo jornalista que o visitou.

Consinta, o meu amigo que eu, salvas as devidas distâncias, faça minhas as palavras do genial autor do *Feu*.

Um crente, pois, é um místico da lógica. E' como tal é que a minha vida, da há 30 anos para cá, se compreende, consumindo-se entre duas correntes, opostas e contrárias: a dos que em nada creem e a dos que creem em tudo.

Levar fé aos primeiros, defini-la aos segundos, eis a aspiração maior da minha vida por vir, não sobre função de inteligência.

Posta assim a questão, ou melhor, definida assim minha atitude, vamos ao caso a que me chama.

Uma carta ao bispo de Viseu

Mas... não sei se deva ir já ao seu apelo de hoje, se àquele que fez, há tempos, ao bispo da sua diocese, em carta de 2 de Maio. Recorda-se? Nela escreveu você, como testemunho de exposição e base de doutrina, as seguintes palavras, que, por sinal, sublinhou e acentuou com duas exclamações: «que a Igreja católica é uma mentira e que V. Rev.^{nos} (o bispo e os padres) não acreditam em nada que pregam e aconselham...»

E eu que o julgava um crente fervoroso, desde aquelas leituras bíblicas, que fizemos na Penitenciária de Coimbra, em 1918...

Mas se o foi, com o fecho da carta ao bispo de Vizeu, não mais o poderia ser, vistos os termos em que poz a questão.

E querei crer que me não foi isso indiferente? Pelo amigo, pelo educador, por tudo.

Mas eis que, tempos depois, se anunciam as festas a Nossa Senhora da Assunção, padroeira da sua terra.

E quem vejo eu acalmando a saúta e convocando os crentes? A sua filha!

Foi lá que eu li, entre outras coisas, os mais rasgados elogios a certo grupo de senhoras que, penteadas e afinadas, cantariam a missa—*una missa lindissima*.

Por sinal que essas meninas me obrigaram a percorrer, nos números seguintes, todos os artigos e locais, incluindo anúncios, sem que as tornasse a ver. Porque? Pode você dizer-me o que foi delas?

Alguém me informa que o bispo, dando razão às considerações que fiz neste jornal, as mandou recolher ao silêncio prudente. *Veniam est?*

Ilusão que depressa se desfaz

Mas prosseguiu.

No número que antecedeu o grande dia, o dia da sua padroeira, dizia-nos você, em artigo de fundo, tipo grosso e largo, para que todos vissem:

«E' a Crença, é a Fé que Deus aceita e agrada.»

Que é era essa? Você o disse, um período atrás: a dos crentes para com a Mãe do deus Rabi.

E terminava: «Do céu descem a bengal e o sorriso da Virgem!»

Esta, que virgem era? A tal mãe do Rabi. Eu perguntava a mim próprio: que significaria estas palavras na boca daquele educador? Simples retórica? sentimento piedoso? Ié cristo verdadeira?

Não o sabia, e por isso aguardei a sequência das festas e dos artigos.

Ah! Não era retórica, não. Era a genuína fé católica-apostólica, exposta e confessada em largas considerações e colunas de prosa mística, que tomaram a melhor parte do nº. 22 de Agosto, prossegundo no imediato.

Recorte alguns trechos dessa prosa:

«Os arraiais foram simplesmente grandiosos... As senhoras foram de uma actividade admirável e de uma gentileza encantadora. A música ainda a não houve melhor. A procissão da noite foi impressionante... Nunca na nossa terra se viu uma coisa assim mais impressionante e comovente... As cerimónias religiosas atingiram o maior brilhantismo... A primeira comunhão das crianças, que se apresentaram excelentemente preparadas para um dos actos mais sérios da sua idade... O sermão foi proferido pelo sr. dr. (aquei o nome do pregador) que produziu um discurso simplesmente admirável, verdadeiramente assombroso... (!!)

As exclamações são minhas e se não transcrevo o resto do período é porque não desejo ofuscar o brilho das imagens, da tustesa dos conceitos, da pureza do estilo,

nem a indústria, nem a religião lucraram. Quem recolheu fartas benesses foi o Diabo, que as trouxe, até romper o dia, agarradas a ele, semitonias e seminias!

Pelo menos foi isto o que eu vi, através de jornais de grande informação.

Mas, voltando ainda à Senhora do Ar. Pelas perguntas que me fez, despreendi perfeitamente que essa Senhora não é santa lá da sua folhinha, sendo, por isso, intento sua embrulhar-me com ela e desancá-la!

Continuando:

«A tarde... a procissão. Foi verdadeiramente grandiosa... Para quem não viu o admirável cortejo pode fazer ideia da sua imponência... Era simplesmente magestoso o desfile do imponente cortejo, realçado ainda pela briosa corporação dos bombeiros...»

Aqui é que você, Cesar Anjo, diminuiu um pouco a magestade do acto. Não porque os bombeiros não mereçam a minha maior consideração e simpatia, mas porque são homens e homens vulgares, como eu e você. Ora eu queria que nessa procissão, já que foi magestosa, figurassem pessoas de categoria e vulto que não temos, nós, nem elas.

Francamente lhe digo que ao ler os primeiros anúncios das suas festas, supus que meteria, pelo menos, Monsenhor Nicotra, com os bispos a latere, e os abades e reitores em corda, por essas ruas fora!

Pois a que chama você procissão impõente e magestosa?

Para que tal nome lhe coubesse, era necessário que você e os seus vizinhos obravam de tal jeito que deixassem para trás todo o que resta a antiga crônica, neste particular.

Mas que, se vocês nem às barbas chegaram daquelas que em louvor de São Jorge se realizavam em Lisboa e Coimbra, desde os bons tempos da primeira dinastia... Mas, continuemos transcrevendo a sua fôlha:

«Era quase escuro quando a imponentíssima procissão terminou. E aqui voltamos nós a empreender. Uma procissão imponentíssima que deixa escurecer o dia, é tudo o que quiser, menos uma procissão com esse nome.

Simplesmente imponentes eram as tais de Corpus Christi e nem por isso desapareceram o sol a noite vinha sobre nós. Pelo contrário: a luz das grandes tochas, o brilho dos grandes uniformes, o resplendor das grandes santos e a luminosidade das grandes virtudes desse tempo, faziam recuar a noite de tal modo que, quando o sol rompiu, toda gente supunha que então é que era escurecer.

Isso sim, que eram festas, isso sim, que se chamavam procissões.

Basta dizer-lhe que nelas ia tudo, desde a graça de Deus, até ao Diabo. Porque o Diabo ia também.

A corporação dos obreiros, telheiros e vidreiros, por exemplo, era obrigada a levar os dois. Dois diabos autênticos, em carne e osso, mas presos, ali, à mão tente, sob o olhar de Deus, que distribuía, para confundir o Inferno, graças prodigiosas, desde a cura dos males, os mais graves, à fertilidade dos campos, os mais safáros!

Aquilo é que era tempo e aquilo é que era Deus!

Compare, meu amigo, e veja que miséria dessa procissão e que suvinha a dessa padroeira, que nem sequer a pequena graça dum esmiúla fez caer sobre essa fome ajoelhada, que foi ao seu encontro!

Não falo já nisso que a gente vê, todos os dias, em Lourdes e na Fátima — cônjos a andar, cegos a ver, surdos a ouvir, mudos a falar, mortos a ressuscitar — falo nas graças, que é uma coisa que toda a gente alcança, mesmo de quem não é divino, nem vive à mão direita de Deus Padre.

As festas a Deus e à Virgem, aproveitaram, sobretudo, ao comércio e à indústria!

Na diocese de Digne, por exemplo, não havia ninguém que lhe não deva graças, pelo muito que faz em relação aos ares.

E o que é Nossa Senhora do Caminho? É a que é aadvogada das viagens, terrestres, marítimas e aéreas?

Os franceses têm ainda outra: E' Notre Dame de Bon-Voyage, com grandes santuários em Nice, Aix, etc., donde não cessa de velar pelos que saem, quer subir para uma carripana e vão à feira, quer montem sobre um «Focker» e parem sobre os continentes e os mares.

Há na Polyanthea Mariana (que tristeza terem de vir os leigos ensinar coisas do céu!) — vasto repositório de tudo quanto se refere a Maria — atributos que estreitamente se ligam à Santa agora tão levianamente baptizada.

O seu compilador, o rev. Hipólito Marceio, respigando os autores de melhor nota, verificou que ela era Advogada e Senhora, entre outras coisas:

do Ar: aer, in quo nec nebula, etc;

das Auras: aura suavis leniter spirans, ut facilimus ascendamus. (Veja como esta estava mesmo a calhar);

do Ceu: Caelus caelo altius, disse Santo Agostinho; caelum per quod terrestres evanescunt. (Quere melior: do ceo, para onde vêm os de terra?) Caelum cuius motor est Deus (Até motor já possuia!);

do Caminho: caminus Sole pulchrior (São Anselmo);

das Aves: avis maxima. (Avião, decerto);

do Firmamento: firmamentum eorum, qui turbati sunt; (E' de São João Damasceno);

dos condutores: gubernaculum et gubernatrix; dirigen et rectificans. (Onde fica o remo, a vela, a bússola, o astrolábio e o sextante?);

dos motores: motus, lhe chamou Theodorus Laschus, imperador do Oriente;

dos Navegantes: navis ampla, quae nos portat in coelum. (Veja como tudo estava já previsto);

das Névoas: nebula lucida, nebula lucis, fous luminis;

das Nuvens: nubes tota lucida; nubes undique rutila; nubes solis; nubes intelectuallis;

dos Veículos: vehiculum lucis;

das Velas: vela tua ratis. (Vela ou azo segura para qualquer embarcação);

Etc., etc.

Como você está vendo, esta mulher é tudo e para tudo.

Vigor noster lhe chamou certo Joannes ge omeira, abr. a sua fôlha.

Virago, isso é o título que qualquer pessoa lhe dirige. Mas virago, isto é, virum agens, vel viriliter, isso só os teólogos como Ricardo de São Lourenço.

Se eu lhe dissesse agora que ela até Veneus é, que diria você.

Pois, menino, abra a sua fôlha.

Decifre o latimório, mas para avivar a memória desse pastor de Cristo que, sem respeito por ele, Deus verdadeiro, lhe baptizou a Mão, como se já no tempo da hóstia vesse o registo civil ou por ali andasse pai incógnito!

E tão fôr da lei e do preceito foi esse gesto do inconsiderado pastor que o resultou viu-se logo. Mal as damas de Sintra conseguiram ver santificada e posta no altar a ditta Santa, mandaram embora o representante de Cristo e correaram, alvorocadas e trementes, aos salões de baile onde, agarrradas a machos, igualmente alvorocados, polcam, cantaram e se regrediram toda a noite.

Recorde alguns trechos dessa prosa:

Pater, dimittit illis: non enim sciunt quid faciat!

Desculpe o latimório, mas é para avivar a memória desse pastor de Cristo que, sem respeito por ele, Deus verdadeiro, lhe baptizou a Mão, como se já no tempo da hóstia vesse o registo civil ou por ali andasse pai incógnito!

E tão fôr da lei e do preceito foi esse gesto do inconsiderado pastor que o resultou viu-se logo. Mal as damas de Sintra conseguiram ver santificada e posta no altar a ditta Santa, mandaram embora o representante de Cristo e correaram, alvorocadas e trementes, aos salões de baile onde, agarrradas a machos, igualmente alvorocados, polcam, cantaram e se regrediram toda a noite.

As exclamações são minhas e se não transcrevo o resto do período é porque não desejo ofuscar o brilho das imagens, da tustesa dos conceitos, da pureza do estilo,

CONTRA OS DETRACTORES DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

Nota oficial da Federação da Construção Civil aos sindicatos operários

O Conselho Federal da Federação Nacional dos Operários da Indústria da Construção Civil, em sua reunião, resolveu fornecer público para inteiro conhecimento dos Sindicatos da Construção Civil e restante organização operária, que, tendo recebido uma circular dimana da União Anarquista Portuguesa e da Federação das Juventudes Sindicalistas de Portugal, constatou pela sua leitura, que ela se ocupava por forma desleal e insidiosa da maneira como as Federações de Indústria, mui logicamente, interviveram, pondo termo ao lamentável conflito, que se estava desenvolvendo e ameaçando tomar graves proporções, no sentido do Conselho da C. G. T.

Esta Federação, dada a sua estrutura nacional, e, como tal, possuindo no seu seio dezenas de Sindicatos a ela aderentes e tendo tido conhecimento de que igual circular, foi enviada aos sindicatos que a constituem, forçada por esta circunstância, a apreciar a referida circular tendo o conselho federal resolvido:

«Não reconhecer os organismos signatários da circular, ou a quaisquer outros que, no futuro, o pretendam fazer, o direito de se inscreverem na vida da organização sindical, por quanto se, entre os seus componentes, existem indivíduos que pertencem à organização sindical, aderente à C. G. T., é dentro dela que têm o direito de tratar dos assuntos que à mesma digam respeito.

Esta Federação, respeitando muito a concepção libertária do ideal anarquista e o contacto por afinidade que mantém para com a organização sindicalista da juventude, não pretende com esta nota ferir a susceptibilidade ideológica de uns e outros, pois, está convicida de que a referida circular pertence de um grupo de indivíduos (embora em nome dos organismos signatários) que se nos afigura ter o propósito de provocar mais vasto, confusão entre os trabalhadores e, implicitamente, mais acentuado enfraquecimento da sua organização, nada tendo de comum com aqueles que, interpretando com inteligência e elevação o ideal que propugnam, se mantêm à altura da sua missão.»

A atitude do Sindicato da Construção Civil de Lisboa

O Sindicato da Construção Civil aprovou, em assembleia geral, os seguintes documentos:

«A Assembleia Geral do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, tendo constatado pela sua leitura que a matéria contida na circular da U. A. P. e F. das J. S., é devesa incorreta e insidiosa, pois, procura muito veladamente monoposar a ação legal e sincera das Federações de Indústria, ao intervierem no conflito suscitado no Conselho Federal da C. G. T., no intuito louvável de lhe pôr termo, o que alias conseguiria, para bem da Organização Operária em geral.

Respeitando a referida circular, protestando contra a maneira desleal e justificada, como os citados organismos vêm imiscuindo-se na vida da Organização Sindical, e bem assim, contra um grupelhão de falsos apóstolos do ideal anarquista que aí se encontra, alegando que a província tem andado em missão derrotista da organização sindical, continuando a afirmar legítimamente fiel aos sãos princípios do sindicalismo revolucionário que nortearia a organização operária portuguesa.»